



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

AS FÍBULAS DA IDADE DO FERRO DO NOROESTE PENINSULAR: TÉCNICA E MODA.

PONTE, Maria de La Salette da

Ano: 1999 | Número: 109

Como citar este documento:

PONTE, Maria de La Salette da, As fíbulas da Idade do Ferro do Noroeste Peninsular: técnica e moda. *Revista de Guimarães*, 109, 1999, p. 51-56.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

AS FÍBULAS DA IDADE DO FERRO DO NOROESTE PENINSULAR: TÉCNICA E MODA

Maria de La Salette da Ponte

1. Introdução

As fíbulas da 1^a e 2^a Idade do Ferro do Noroeste Peninsular inserem-se num vasto universo tecno-cultural e arqueológico do território peninsular, contextualizado em sucessivas formas de vida numa paisagem humanizada durante uma trajectória de ocupação de sítios na Idade do Bronze. A ocupação e reocupação de sítios e lugares proporcionaram um certo grau de continuidade e progressão dos povoados, ou, então a emergência de novos modelos culturais e de novas formas de organização social, favorecendo o desenvolvimento demográfico, económico e tecnológico. É neste panorama arqueológico que se situam as fíbulas da Idade do Ferro do Noroeste Peninsular.

A cultura material do Noroeste Peninsular, da qual destacamos as fíbulas proto-históricas¹ reflecte o mundo diacrónico e sincrónico de componentes culturais de natureza centro-europeia e de origem mediterrânica. Com efeito, registam-se estas influências de carácter exógeno, donde sobressaem grupos e movimentos étnicos oriundos de núcleos culturais

¹ Cf. SILVA, A.C.F., A cultura castreja do Noroeste Peninsular, Paços de Ferreira, 1986, cap. 2.2. (Metalurgia, *passim*); cf. PONTE, Salette da, A génese das fíbulas do Noroeste Peninsular “*Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*”, 1980 (2), pp. 111-119; cf. *id. ibidem.*, Fíbulas de sítios a norte do rio Douro, (Centro de Estudos Humanísticos), Porto, 1984, pp. 111-114.

continentais e mediterrânicos; estes fluxos e refluxos económicas e culturais provocam assimetrias e mecanismos sócio-culturais diferenciados entre as zonas Norte e Sul do território peninsular.

O quadro arqueológico de Portugal reflecte estas assimetrias de natureza geo-cultural, cujas variantes regionais estão prefiguradas nos múltiplos elementos da cultura material. A base de dados e os resultados recentes da investigação científica sobre as áreas regionais do Noroeste Peninsular e, muito concretamente sobre a cultura castreja² permitem-nos deduzir hipoteticamente um novo quadro cronotecnológico e morfológico da cultura material³ subjacente nos estratos inferiores de alguns castros do Norte e Centro de Portugal. As novas cronologias em torno do séc. X a.C.⁴ são indicadores dos fluxos indo-europeus na fachada ocidental da Península, bem como de contactos mediterrânicos pré-coloniais⁵ e coloniais no Centro e Norte de Portugal, por via meridional. Destacamos neste quadro arqueológico algumas modalidades de tipo de

² Cf. SILVA, *op. cit.*, (nota 1); cf. MARTINS, M., O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado, 3, Braga, 1987; cf. MILLOTTE, J-P., Précis de proto histoire européenne, Paris (A. Colin), 1970; cf. ALMAGRO-GORBEA, M., La celtización de la Meseta: estado de la cuestión, “*Actas del I Congreso de Historia de Palencia*”, 1987, pp. 313-344; cf. BEIRÃO, C. M., Une civilisation protohistorique du Sud du Portugal (1^{er} Âge du Fer), Paris (De Boccard), 1986; cf. GAMITO, T., Social complexity in Southwest Iberia (8th to 3rd cents. B.C.) – Aspects of evolution and interaction, Cambridge, 1986; cf. BERROCAL-RANGEL, Luis, Los pueblos Célticos del Suroeste de la Peninsula Ibérica, Madrid, 1992.

³ Cf. PÉREZ CASAS, J. A., Las necrópolis de incineración en el Bajo Jálón “*II Simposio sobre los Celtíberos*”, (*Necropoles Celtibéricas*), Saragoça, 1990, pp. 111-121; cf. ROYO GUILLÉN, J. I., La necrópolis de Los Campos de Urnas del Valle Medio del Ebro como precedente del mundo funerário celtibérico, “*II Simposio sobre los Celtíberos*”, Saragoça, 1990, pp. 123-136.

⁴ Cf. SILVA, *op. cit.*, (nota 1), p. 34; cf. MARTINS, *op. cit.*, (nota 2), pp. 739-744, fig. 66; cf. GUERRA, A.; FABIÃO, C.; SENNA-MARTÍNEZ, J. C., O Cabeço do Castro de S. Romão, “*I Colóquio Arqueológico de Viseu*” (Viseu, 1988), 1989, (2), pp. 189-234; cf. PÉREZ CASAS, *op. cit.*, (nota 3), pp. 117-118.

⁵ Cf. ALMAGRO-GORBEA, M., Contactos pré-coloniais entre o Mediterrâneo Oriental e a Peninsula Ibérica durante a Idade do Bronze Final (comunicação à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia), Porto, 1989.

“*dupla mola*”, de tipo “*Acebuchal*” (Castro do Coto, em Caminha) e “*Bencarrón*” (Coto da Pena, Caminha) ou as ditas fíbulas, de tipo “*Sabroso*”, “*Santa Luzia*” e “*Transmontana*”, para não citarmos outros modelos contemporâneos de “*pé vertical*” (“*pé alto*”) ou de apêndice caudal. Este elenco metálico, proveniente de conjuntos funerários, torna-se bastante significativo como dado primordial e representativo do seu uso quotidiano; por outro lado, proporciona, a par de outro mobiliário funerário, o estabelecimento de sequências evolutivas destes objectos de adorno – as fíbulas – tendo como base o processo cronotecnológico-cultural e morfológico.

2. Técnica e moda

A 1ª e 2ª Idade do Ferro do Noroeste Peninsular apresenta uma diversidade de fíbulas emergentes da “*cultura castreja*”, cujos produtos materiais reflectem uma confluência dos tradicionais centros atlânticos e os novos núcleos oriundos do Mediterrâneo. As fíbulas ditas de tipo “*sabrosino*”⁶ representam a matriz epónima de uma série de modelos de “*apêndice caudal*” ou “*pé vertical*”, gerados na 1ª Idade do Ferro, com pervivências morfológicas bem mais tardias. Os aspectos tecnológicos e o sistema mecânico destas fíbulas foram evoluindo, consoante o desenvolvimento da técnica metalúrgica, o conhecimento do meio físico, a estrutura económica e social dos povoados e as exigências da clientela; o artífice, por sua vez, usava uma ou mais técnicas de fabrico, segundo as características físicas e morfológicas do modelo, procurando estabelecer e manter uma relação de equilíbrio entre as possibilidades de produção, a moda e as técnicas de fiação e tecelagem usadas pelas comunidades da Idade do Ferro Peninsular. É essencial para uma análise e interpretação do universo artefactual, do qual constam as fíbulas de “*apêndice*

⁶ Cf. SILVA, *op. cit.*, (nota 1), p. 189; cf. DELIBES DE CASTRO, G.; ROMERO CARNICEIRO, F.; SANZ MÍNGUEZ, C.; ESCUDERO NAVARRO, Z.; MIGUEL MATÉ, L. C. S., Panorama arqueológico de la Edad del Hierro en el Duero medio, “*Arqueologia y Medio ambiente*”, Castilla e Leon, 1995, pp. 49-146 (69-72).

caudal” da “*cultura castreja*”, a aplicação de uma metodologia e estratégia geo-ambiental que reuna *habitats* e *necrópoles*. Sugere-se, assim, uma metodologia global que envolva a análise destas unidades geo-comunais (etnográficas). O estudo dos vários contextos materiais permitem um melhor conhecimento dos padrões de fixação e evolução comunitária, bem como os factores determinantes de intercâmbio com outros centros regionais ou inter-regionais de produção e distribuição de bens e produtos. Por outro lado, como refere RENFREW⁷ os modelos das áreas da “*vida*” e de “*morte*” permitem inferências sobre a organização e estrutura social das comunidades. Ora, a micro-análise das fíbulas da “*cultura castreja*”, envolvem, não só a relação global entre as comunidades e os sistemas de encerramento, mas também a importância e significado sócio-cultural, económico e demográfico dos habitantes dessa estrutura comunitária. O factor tecnológico está subjacente ao grau de desenvolvimento dos núcleos habitacionais que se fixavam preferencialmente em pontos elevados para controlo das bacias fluviais. Por outro lado, a *fíbula*, como objecto de adorno, envolve factores de natureza sócio-cultural, expressos individualmente pelo seu *estatuto*, *idade* e *sexo*⁸, essencialmente quando integrado no mobiliário funerário. Este objecto, para além de significar o ritual e tratamento funerário, reflecte a categoria do “*indivíduo*”⁹ e o estatuto social da comunidade a que pertence; reflecte ainda a correlação directa com outras comunidades sociais e regionais¹⁰, permitindo, no nosso entender, o estabelecimento de padrões universais para o

⁷ Cf. RENFREW, C., Introduction: the megalithic builders of Western Europe, “*The Megalithic Builders of Western Europe*”, Leiden, 1983, pp. 9-17.

⁸ Cf. SAXE, A., Social Dimensions of Mortuary Practices. University of Michigan, (Ph. D. Thesis), 1970; cf. BINFORD, L. R., Mortuary Practices: their study and their potencial, “*Archaeological Perspective*”, 1972, pp. 208-243.

⁹ Cf. RANDBORG, K., The Viking Age in Demark, Londres, 1980.

¹⁰ Cf. RUIZ ZAPATERO, G. e CHAPA BRUNET, T., La arqueologia de la muerte: perspectivas teórico-metodológicas, “*II Simpósio sobre Los Celtíberos*” (*Necrópoles Celtíberas*), Saragoça, 1990, pp. 357-373.

“*modus vivendi*” da dita “*cultura castreja*”, quanto à sua identidade cultural e “*personalização*” étnica do Noroeste Peninsular, com as assimetrias geo-arqueológicas motivadas por várias influências de carácter exógeno. A análise e interpretação destas evidências funerárias estão necessariamente associadas ao “*mundo dos vivos*”, num dado tempo e espaço históricos. Digamos que o mobiliário funerário é não só o reflexo do estatuto sócio-cultural, económico e religioso do indivíduo enterrado, mas também o patamar de desenvolvimento da comunidade a que pertence. Assim, as fíbulas da Idade do Ferro permitem-nos, pela natureza da matéria-prima, técnica de fabrico, qualidade estrutural e riqueza morfológica, estabelecer diferentes patamares cronotecnoculturais e morfológicos, quando associados a outros elementos da cultura material.

As diferenças técnicas e mecânicas existentes entre as fíbulas ditas de tipo “*sabrosino*”, “*Santa Luzia*” “*Transmontana*” e de outras categorias de “*apêndice caudal*” associadas à “*cultura castreja*” revelam vários passos evolutivos da prática metalúrgica (bronze e ferro) e de ourivesaria evidenciados no quadro produtivo de utensílios, armas e objectos de adorno nos castros do noroeste; a este espólio metálico associam-se outros materiais de natureza doméstica e de índole artesanal, como sejam os núcleos de fundição (moldes, crisóis, etc.) e de tecelagem¹¹. Os utensílios de fiação e tecelagem revelam não só uma actividade económica e artesanal, mas também a natureza de vestuário mais corrente nos castros do Noroeste Peninsular.

O linho e a lã constituíam a matéria-prima para o fabrico de fio e de tecido, produtos referidos por Estrabão e Plínio¹², os

¹¹ Cf. SILVA, *op. cit.*, (nota 1), pp. 165-264; cf. SILVA, A. C. F., A Primeira Idade do Ferro, “*Nova História de Portugal*” (Portugal das origens à Romanização, coord. de Jorge de Alarcão), Lisboa, 1990, pp. 263-288 (pp. 283-288); cf. PONTE, Salette da., A Fibula do Noroeste Peninsular – expressão residual da vida comunitária nos Castros “*Gaya*” (6), 1988-1994, pp. 83-88.

¹² Cf. LASSERRE, F., *Strabon*, Géographie (livros III-IV), Paris, 1966, vol. II, p. 58 (*Strabon*, III, 3, 7); cf. PLINE L’ANCIEN, *Histoire Naturelle (= NH)* livro XIX, 10.

fusos e cossoiros aparecem com frequência nos castros galaico-portugueses¹³, o que evidencia a prática da actividade têxtil e a confecção de vestuário. Este vestuário não dispensava a fíbula para fixar a roupa interior e a exterior. As características físicas do linho e da lã, os tipos e tamanhos das peças de roupa condicionavam a matriz do objecto. Estes objectos metálicos, com dupla função, (prender duas peças e objecto de adorno), assumiam variadíssimos tamanhos e pesos, consoante a sua aplicação e natureza do tecido (linho ou lã). Por outro lado, o vestuário condicionado pelo clima e moda, concorreu igualmente para a evolução tecnológica e mecânica da fíbula de apêndice caudal, tão em voga nos castros do Noroeste Peninsular. Recordemos, aqui, a referência de ESTRABÃO, no livro III, da sua *Geografia*, sobre o estatuto social e económico da mulher na sociedade castreja: ... *em reuniões públicas ela impõe-se pela riqueza decorativa do seu traje – uma túnica comprida, de cores vivas e com uma capa ricamente ornada com jóias. O homem, pelo contrário, vestido de negro, usa uma túnica curta, cingida, ou seja, o “sagum” com mangas.*

As referências bibliográficas e iconográficas da torêutica ibérica¹⁴, a par das informações estruturais das fíbulas, sobretudo quando surgem contextualizadas em conjuntos definidos, possibilitam estabelecer uma cadeia cronotipológica e cronotecnocultural das fíbulas de apêndice caudal.

¹³ Cf. SILVA, *op. cit.*, (nota 1), p. 137; cf. ROMERO CARNICERO, F. e RAMÍREZ RAMÍREZ, M^a L., Estratégias de Subsistência en la Cuenca Media del Duero durante La Edad del Hierro, “*IV Simpósio sobre Celtíberos*” (Economía), Saragoça, 1999, pp. 453-465; cf. CABO ALONSO, A., Medio Natural y trashumancia el la España Peninsular, “*Mesta, Trashumancia y Vida Pastoral*”, Madrid, 1994, pp. 23-45.

¹⁴ Cf. PRADE JUNQUEIRA, Mercedes, El vestido y los adornos en el mundo ibérico: la indumentaria en los ex-votos ibéricos de “*El Cigarralejo*”, “*Boletim de la Asociación Española de Amigos de Arqueología*”, Alcalá, 1981, (13), pp. 31-39 (p. 31).